

Revista GALEGa
de filoloxía

monografía 13

Estudos sobre
gramática e
sociolingüística
galego-
-portuguesas

Xosé Manuel Sánchez Rei (editor)

Revista GALEGA
de filoloxía

monografía **13**

Xosé Manuel Sánchez Rei (editor)

Estudios sobre gramática e sociolingüística galego-portuguesas



Grupo de Investigación Lingüística
e Literaria Galega

Directores: Teresa López Fernández (Universidade da Coruña) e Xosé Manuel Sánchez Rei (Universidade da Coruña)

Secretario: Carlos-Caetano Biscainho-Fernandes (Universidade da Coruña)

Edita: Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña

Depósito Legal: C 1601-2021

ISBN: 978-84-9749-819-7

Distribúe: Consorcio Editorial Galego: pedimentos@coegal.com

Deseño: Torné Asociados

Maquetación: Antonio Souto

Índice xeral

Introdución	
<i>Xosé Manuel Sánchez Rei</i>	7-16
Lingua de calidade: un concepto integrador para tender pontes e superar as diferenzas entre isolacionismo e reintegracionismo	
<i>Neal Baxter</i>	17-26
Actitudes e aptitudes en relación á lingua galega do profesorado novo do ensino secundario: contributos desde unha experiencia no mestrado profesionalizante (2013-2021)	
<i>Carlos-Caetano Biscainho-Fernandes</i>	27-48
Ainda os marcadores representativos em Português Europeu: <i>imagina, repara e olha</i>	
<i>Isabel Duarte</i>	49-65
Revertendo o proceso de substitución lingüística: a figura do suxeito neofalante na Galiza actual	
<i>María Fernández Zas</i>	67-85
Entre a fonética e a sintaxe: crase, combinación de unidades lingüísticas e segmentación copulativa nas secuencias rimáticas das cantigas	
<i>Manuel Ferreiro</i>	87-105
A obra de Xosé Ramón Freixeiro Mato: unha sede nacional para a lingua galega	
<i>María Pilar García Negro</i>	107-115
Traduçon de calidade e galego de calidade: a propósito do tratamento tradutivo das denominacións vernáculos de organismos na prosa ficcional	
<i>Carlos Garrido</i>	117-139
A lingua galega en Internet após dúas décadas	
<i>Xavier Guinovart</i>	141-156
O sufixo <i>-az</i> no galego-portugués medieval	
<i>Xoán Luís López Viñas</i>	157-178
Análise sociolingüística e traditolóxica das versións do inglés realizadas pola irmandiña María Luz Morales	
<i>María Jesús Lorenzo-Modia</i>	179-190
Antonio Benito Fandiño e o <i>Entremesño do Antroido pr'os rapaces</i> (1813)	
<i>Ramón Mariño Paz / Damián Suárez Vázquez</i>	191-204
Contextos de uso do marcador discursivo <i>pronto</i> e <i>ethos</i> discursivo	
<i>María Aldina Marques</i>	205-219

Partículas vocativas de orixe nominal no galego, portugués e romeno <i>Aurélia Merlan</i>	221-241
O humor gráfico como estratexia social fronte ás ideoloxías lingüísticas hexemónicas. Unha nota sobre a historia sociolingüística do galego <i>Estefanía Mosquera Castro</i>	243-258
Da norma, da norma lingüística e do portugués do Brasil <i>Sandra Pérez López</i>	259-273
O léxico do Romanceiro fronte ao léxico da Lírica Cortês: converxencias e diverxencias <i>Natália Pires</i>	275-292
Escrita e oralidade pola análise de espectrogramas: fenómenos fonéticos individuais, comunitarios e xerais <i>Helena Rebelo</i>	293-314
A concorrência <i>ponta, ponto</i> vs. <i>punta, punto</i> , e similares. Breve aproximación <i>José Luís Rodríguez</i>	315-331
Da subalternidade da lingua galega no período autonómico <i>Roberto Samartim</i>	333-350
Alguns aspectos da sintaxe dialectal portuguesa dos inicios do século XX e a súa correspondencia co galego <i>Xosé Manuel Sánchez Rei</i>	351-368
Fontes de una herança histórico-cultural portuguesa: os registos foraleiros manuelinos <i>Olinda Santana</i>	369-388
A emoción na linguagem verbal: das interjeições ao calão na Fala Bracarense <i>José Teixeira</i>	389-409

Para Xosé Ramón Freixeiro Mato,
amante dos *liricos acentos* da nosa lingua
e excelente coñecedor das *cativantes falas* en que ela se manifesta

Contextos de uso do marcador discursivo *pronto* e *ethos* discursivo

Maria Aldina Marques
 CEHUM
 Universidade do Minho

certo tipo de palabras ou expresións que teñen unha extraordinaria importancia e que ficaran relegadas á mais absoluta marxinalidade nos estudos gramaticais e lingüísticos en xeral

(Freixeiro Mato, 2005: 5)

Resumo:

Os Marcadores do Discurso (MD) são uma das categorias mais estudadas, ainda que com expressão diferente em função das línguas. Constituem uma categoria aberta, cujos limites e características se apresentam ainda muito difusos. O objetivo do presente trabalho é analisar os contributos do uso de *pronto* para a construção do *ethos* discursivo do locutor (Maingueneau, 1999; Amossy, 2010). Damos assim continuidade à análise de características deste marcador discursivo já apontadas em Marques (2014). Escolhemos uma perspetiva interdisciplinar, a fim de conjugar a teoria do *ethos* ou *imagem de si*, de natureza enunciativa, com a abordagem interacional das relações interpessoais, estabelecidas entre os participantes na situação de comunicação. O *corpus* para análise destas ocorrências e funcionamentos é constituído por entrevistas sociolinguísticas, em gravação áudio, realizadas, no âmbito do projeto *Perfil sociolinguístico da fala bracarense*.

Palavras-chave:

Marcadores discursivos; *ethos*; relações interpessoais.

Contexts of use of the discourse marker pronto and discursive ethos

Abstract:

Discourse Markers (DM) are one of the most studied categories, albeit with different expression depending on the languages. They constitute an open category, whose limits and characteristics are still very diffuse. The objective of this work is to analyze the contributions of the use of DM pronto for the construction of the speaker's discursive ethos (Maingueneau, 1999; Amossy 2010). Thus, we analyse characteristics of this DM already pointed out in Marques (2014). We chose an interdisciplinary perspective in order to combine the theory of ethos or self-image, of an enunciative nature, with the interactional approach of interpersonal relationships, established between the participants in the communication situation. The data for the analysis of these occurrences and functioning is constituted by sociolinguistic interviews in audio recording carried out within the scope of the project Sociolinguistic profile of Braga's speech.

Key words:

Discourse markers; ethos; interpersonal relationships; pronto.

1. Marcadores Discursivos: complexidade de uma categoria

Os Marcadores do Discurso (MD) são uma das categorias mais estudadas, ainda que com expressão diferente em função das línguas. Se no inglês e francês, e também no espanhol, mas já em menor medida no português, é possível documentar um conjunto significativo e extenso de trabalhos na área, o mesmo não se passa com outras línguas, que começam agora a ser estudadas neste domínio. Não é, todavia, o caso do galego, que, entre outros estudos (Moreda Leirado, 2009; Domínguez Portela, 2009, 2011; ou Sánchez Rei, 2016), conta já com a fundamental investigação de Freixeiro Mato (2003, 2005, 2008, 2010, 2016, entre outras publicações). A par do contributo para o conhecimento científico na área, em termos absolutos, são estudos de particular interesse para quem investiga os MD em português quer se considere que galego e português são línguas diversas, quer variedades de uma mesma língua.

Ao abordar os MD, estamos perante uma categoria discursiva, funcional, que em Ducrot & Bruxelles & Bourcier (1980) se designou como *petits mots*, na senda, talvez, da tradicional designação de *partículas*. Mas a marginalidade gramatical a que foram votadas altera-se e é no quadro teórico da pragmática discursiva, dos estudos da linguagem em uso, que os MD vão ser, sobretudo, analisados, ainda que a linguística cognitiva tenha vindo a impor-se na área, com destaque para trabalhos sobre gramaticalização dos MD.

Os MD constituem uma categoria aberta, cujos limites e características se apresentam ainda muito difusos. É por essa razão que Rodríguez Somolinos (2011: 3), por exemplo, ao apresentar o volume *Langages* nº 184, inteiramente dedicado aos marcadores do discurso, deu ao seu texto introdutório o sugestivo título de *Les marqueurs du discours: un domaine mal défini*. Esta é ainda uma questão atual, pese embora os muitos trabalhos que continuam a ser realizados e publicados. É o caso de Lopes (2020: 122-123), um texto em que a autora reconhece que “a expressão Marcador Discursivo [...] reenvia para conceitos distintos, consoante os autores que a convocam” e os quadros teóricos a partir dos quais o fazem. Nesta diversidade teórica, sobressaem duas categorias de marcadores discursivos, conectores e marcadores conversacionais (Lopes, 2020: 123), que fazem a distinção, respetivamente, entre suporte escrito e suporte oral, entre discurso planeado, formal e discurso não planeado, informal ou ainda entre discurso monológico e dialogal. Mas são distinções que devem ser tomadas como tendências, num domínio de análise de um objeto complexo e heterogéneo como são os discursos. Assim, mostra-se particularmente adequada a amplitude funcional, que Schiffrin (2001: 54) refere a propósito de elementos como *well*, *but*, *oh* e *y’know*, mas é válida para a categoria na sua globalidade: “one set of linguistic items that function in *cognitive, expressive, social, and textual domains*” [itálico meu].

Não é por isso extemporâneo retomar aqui a questão, não para a superar, mas para explicitar a posição que adotamos, especificamente no quadro de uma abordagem enunciativa-discursiva do uso e funcionamento das línguas e que, centrando-se sobre um *corpus* de interações orais espontâneas, procura analisar funcionamentos preferenciais dos MD em interações orais, ainda que estes não sejam exclusivos da oralidade.

Apesar da diversidade de abordagens e propostas, é possível, deve notar-se, listar um conjunto de trabalhos fundamentais, onde são apresentadas e discutidas as características nucleares dos MD, como os de Schiffrin (1987), Martín Zorraquino & Montolí (1988), Portolés Lázaro (1998), Martín Zorraquino & Portolés Lázaro (1999), Fraser (1999 e 2009), Briz Gómez (1998), Pons Bordería (2001), Dostie & Pusch (2007), entre muitos outros. Longe de esgotar o tema, publicações recentes reafirmam e documentam a pertinência da continuidade das investigações (Nogueira & Fuentes Rodríguez & Martí Sánchez, 2020; Duarte & Ponce de León, 2020).

Das características elencadas pelos investigadores, a multifuncionalidade é, sem dúvida, uma das características fundamentais dos MD, sistematicamente sublinhada, mercê da complexidade do objeto discurso, dos planos que o constituem e se inter-relacionam e nos quais os MD têm funções diversas. É esta multifuncionalidade, aliás, que explica alguma indeterminação e porosidade da categoria; e explica, ainda, um relativo fracasso das tipologias quando apresentam uma lista exclusiva de marcadores, para cada categoria individualizada.

O objetivo do presente trabalho é analisar os contributos do uso de *pronto* para a construção do *ethos* discursivo do locutor (Maingueneau, 1999; Amossy, 2010). Damos assim continuidade à análise de características deste marcador discursivo já apontadas em Marques (2014).

Escolhemos uma perspetiva interdisciplinar, a fim de conjugar a teoria do *ethos ou imagem de si*, de natureza enunciativa, com a abordagem interacional das relações interpessoais, estabelecidas entre os participantes na situação de comunicação, tal como são concebidas por Kerbrat-Orecchioni (1996, 2005: 164) a partir da proposta inicial de Brown & Gilman (1961).

O *corpus* para análise destas ocorrências e funcionamentos é constituído por entrevistas sociolinguísticas, em gravação áudio, realizadas, no âmbito do projeto *Perfil sociolinguístico da fala bracarense*¹.

1 *Perfil sociolinguístico da fala bracarense*, com a referência FCT PTDC/CLE-LIN/112939/2009. É um corpus constituído por 74 entrevistas sociolinguísticas: interações verbais orais semiplaneadas, face a face, efetuadas por participantes que não partilham uma história discursiva, mas constroem uma relação discursiva que se pretende informal. Cada entrevista tem a duração aproximada de 1h. A transcrição das interações orais foi simplificada pelo uso das convenções de pontuação da escrita.

2. Valores discursivos de *pronto*

Pronto, é um item lexical, significando, de acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, o dicionário mais recente e mais completo do português europeu, “preparado; acabado, terminado”. Mas *pronto* é também um MD, característico do registo oral informal (Marques, 2014). O dicionário, contudo, nada adianta sobre estes funcionamentos, para além da referência a um valor interjetivo, exprimindo “alívio, satisfação, consolo [...] desagrado, enfado, irritação”.

Existem já alguns estudos sobre *pronto*, de que são exemplo os trabalhos de Christiano & Hora (1998) –“O item lexical pronto: marcador discursivo e interativo”–, de Silva (2002 e 2006) –respectivamente, “Da semântica cognitiva à pragmática lexical: a polissemia de *pronto*” e “The polysemy of discourse markers: The case of *pronto* in Portuguese”– e de Marques (2014) –“Linguagem coloquial e modalização”–. Sublinhe-se, no entanto, que *pronto* já havia sido abordado por Schmidt-Radefeldt (1993) –em “Partículas discursivas e interaccionais no português e no espanhol em contraste com o alemão”– a propósito de uma categoria de partículas topográficas, estruturadoras da conversação. E Óscar Lopes, num texto republicado em 2005 por Fátima Oliveira e Ana Maria Brito no volume *Entre a palavra e o discurso. Estudos de Linguística. 1977-1993*, classifica *pronto* como um marcador de interatividade e modalizador².

Dos três primeiros trabalhos referidos, inteiramente dedicados à análise de *pronto*, os dois primeiros enquadram-se numa perspetiva funcional e cognitiva. Ainda que direcionados para variedades diferentes, o Português do Brasil e o Português Europeu, os usos assinalados são coincidentes. Assim, para Christiano & Hora (1998: 200), *pronto* é fundamentalmente um item lexical cuja função é orientar a interação, participar na sua estruturação. O resultado desta análise salienta as funções do MD organizadas em cinco vertentes: conclusivo, conclusivo perifrástico³, pontuante, de concordância, impositivo e explicativo. Silva (2002) retoma esta classificação para propor uma explicação global destes valores discursivos a partir do significado denotacional de *pronto*, que considera ser basilar para explicar o processo de gramaticalização a que foi sujeito. Define três posições sintáticas do MD no

Salienta-se a marcação de pausas (** e ***), a interrupção (...) e a reformulação (/). A cada excerto esta apensa a indicação dos parâmetros relativos ao número da entrevista, género, idade e escolaridade, considerados para a estratificação da amostra. Os itálicos são da minha responsabilidade; são usados para salientar o excerto em análise (Marques, 2014: 95).

2 Ver, ainda, Morais (2010).

3 Esta categoria é, de algum modo, um equívoco, pois continua a ser o valor conclusivo de *pronto*. Os autores identificam como nova categoria a coocorrência de *pronto* com outros MD, formando um “cluster”. Silva (2006: 2192-2193) apresenta uma única categoria de *pronto* com valor conclusivo, retrospectivo.

enunciado, em relação com uma orientação textual retrospectiva, prospectiva, ou ambivalente, organizadora dos valores de *pronto*, a saber, posição final (retrospectiva / anafórica, com valor conclusivo e de concordância), posição medial (retrospectiva e prospectiva, com valor de pontuador) e posição inicial (prospectiva / catafórica, com valores impositivo e explicativo). Em 2006, Silva mantendo a orientação textual retrospectiva e prospectiva de *pronto*, dá realce à coocorrência de valores num mesmo uso, como é o caso da função conclusiva retrospectiva de encerramento de um segmento discursivo ou de uma interação verbal, em que integra funções específicas: “the concluding retrospective functions continue to dominate; expressing agreement, acceptance, confirmation, concession, etc., are successful ways of closing a verbal interaction or one of its discourse segments” (Silva, 2006: 2196).

Para estes autores, há correlação entre a posição do MD na unidade linguística e a sua função⁴. Sobressai nestas análises que *pronto* é um marcador discursivo conversacional, cuja função central, ainda que não exclusiva, é a de estruturação do discurso. Daí a importância dos conceitos de anáfora e catáfora (que se impõem) na categorização dos diferentes valores de *pronto*.

Em Marques (2014), parte-se de uma perspetiva enunciativa para estudar *pronto* na função de modalizador, uma dimensão não abordada nos dois textos anteriores, mas já apontada por Óscar Lopes, como referido acima. O objetivo da análise é mostrar que, enquanto modalizador, este MD marca o posicionamento do locutor relativamente ao enunciado em que ocorre (Marques, 2014: 105); assinala um percurso de construção do sentido e tem, por conseguinte, uma função metadiscursiva (Vion, 2012)⁵.

2.1. Valor de concordância, *ethos* e MD *pronto*

A construção dos discursos é negociada, de forma constitutiva, para além dos momentos explícitos de negociação de sentidos ou de lugares. Trata-se de trazer o outro para uma interação, levando-o em conta. Ora, levar o outro em conta é estabelecer uma relação básica de colaboração, que inclui, entre outras vertentes procurar e conceder a aprovação do/ao outro, um objetivo discursivo, que contribui para explicar, por exemplo, a centralidade das estratégias de cortesia linguística.

4 Nos trabalhos publicados sobre os MD, função e sentido são termos recorrentes na caracterização da multifuncionalidade ou polissemia desta categoria.

5 Sobre o conceito de metadiscurso, adotámos a proposta de Hyland (2017: 16): “Metadiscourse is the interpersonal resources used to organize a discourse or the writer’s stance toward either its content or the reader. It is a way of looking at language use based on the fact that, as we speak or write, we monitor the possible responses of others, making decisions about the kind of effects we are having on our listeners or readers, and adjusting our language to best achieve our purposes.”

Na análise dos marcadores discursivos e dos planos em que funcionam, um deles é a relação entre os interlocutores, descrita como um processo de convergência, com implicações na construção das respetivas imagens discursivas. Auchlin (1981: 148), a propósito de uma categoria de marcadores de estruturação discursiva, em que *pronto* poderia ser integrado, aponta a proximidade destes marcadores com “un ensemble d’éléments figurant dans l’inventaire de Gülich, et qui ont été repris par Settekorn (1977) sous le nom de ‘*particules à fonction de recherche d’approbation discursive*’ (RAD)” [itálico meu].

Para Martín Zorraquino & Portolés (1999: 4147), a função de concordância é a função “de desencadenar procedimientos de cooperación entre los interlocutores, señalando el acuerdo entre estos en relación con el mensaje que se intercambian”. Mais recentemente, Bolden (2006: 663) dá conta dessa sistematicidade de análises:

For example, in many languages, discourse markers have been found to *index alignment and disalignment between interlocutors* (e.g., Greasley, 1994; Jucker / Smith, 1998; Morita, 2005; Park, 1998; Wu, 2003) and *be involved in building a variety of social and situational identities* (e.g., Bolden, 2003; Fuller, 2003; Heingartner, 1996; Kleiner, 1998; Maschler, 2003; Stenstrom, 1998) [itálico meu].

Vion (2012: 214) aponta, de igual modo, a importância dos MD e da função que desempenham na interligação de comportamentos enunciativos e comportamentos que relevam da construção discursiva da “relação social, nos seus aspetos interpessoais e subjetivos” [tradução pessoal].

Dos valores discursivos identificados para *pronto*, Christiano & Hora (1998: 203) individualizam o valor de marcador de concordância com o interlocutor, que consideram muito comum. Trata-se da expressão da aceitação pelo locutor seguinte do conteúdo do ato realizado pelo locutor anterior, de que apresentam como exemplo: “–A gente pode sair mais cedo. / –*Pronto*, a que horas?”

Silva (2002) refere o mesmo valor de concordância, como reação à intervenção do locutor (critério posicional), mas não explora esta dimensão, que restringe, aliás, ao início de intervenção e ao início de relato em discurso direto. Em Silva (2006: 2196), volta a apresentar esta função de *pronto*, que agrega também ao contexto retrospectivo conclusivo.

Como iremos mostrar, *pronto* veicula outros valores de concordância, para além destes contextos específicos. Mais ainda, este é um valor central para a análise dos usos deste marcador. Pretendemos, assim, analisar o contributo de *pronto* para a construção da relação interpessoal enquanto contribui para a organização enunciativa do discurso, como estratégia ao serviço da construção da *imagem*

de si ou *ethos* (Maingueneau, 1999; Amossy, 2010). Em particular, o objetivo é determinar a relação entre concordância e relação interpessoal de conflito-consenso e entre concordância e *ethos*.

Dado que consideramos que a relação interpessoal é uma vertente da construção discursiva central para compreender alguns usos de *pronto*, iremos ter em conta as relações interpessoais construídas de acordo com um eixo de conflito-consenso, tal como proposto por Kerbrat-Orecchioni, a fim de analisar os usos de *pronto*.

Kerbrat-Orecchioni (1996, 2005) concebe a organização das relações interpessoais em três eixos que se inter-relacionam e definem a dimensão relacional na interação: um eixo vertical, definindo relações assimétricas e complementares entre os interlocutores, um eixo horizontal, marcando lugares interacionais de maior ou menor proximidade, e, finalmente, um eixo do conflito *versus* consenso. É em função deste último eixo que vamos analisar a marcação de concordância entre os participantes, como um valor nuclear dos usos de *pronto*. O contexto é uma componente fundamental do fazer discursivo. Especificamente, na identificação do valor de concordância de *pronto*, tivemos em conta os contextos de consenso e de dissenso entre os participantes na interação.

a) Contexto de consenso

Dar o acordo é um valor de *pronto* encontrado em contexto de consenso. É a concordância, com orientação catafórica, dada, ou cedida, pelo locutor seguinte ao locutor anterior, referida por Christiano & Hora e Silva. No exemplo abaixo, *pronto* ocorre em posição inicial de uma intervenção reativa, como referido pelos autores. É um “acordo perfeito”, parafraseável por “está bem”:

(1) Diz ele assim: –Bom, ••• se tu tivesses um bocadinho de dinheiro, eu outro bocadinho fazíamos ••• a casa ••• que o meu padrinho dá-me um bocadinho de terra ••• –*Pronto*, vamos a isso (81M4A).

Mas este não é o único contexto de ocorrência de *pronto* com este valor de concordância. Veja-se o exemplo usado em Silva (2006) para ilustrar a ocorrência em posição final com o valor retrospectivo conclusivo. Sendo claro o valor conclusivo, este coocorre com o valor de concordância, de aceitação:

(2) –Mas diga-lhe que eu chego mais tarde, por favor /– Está bem, eu digo-lhe, *pronto*.

Em contexto de consenso, sobressai ainda um outro valor: a procura ou o desejo de concordância. É que, se o locutor manifesta o seu acordo com o alocutário, pede-lhe também o seu acordo. Este valor realiza-se como procura, ou desejo, de aceitação de

conteúdos implícitos que o alocutário deve recuperar alinhando o seu contributo discursivo pelo ponto de vista do locutor. É o caso do exemplo (3), em que o locutor implícita informações que espera que o alocutário recupere. O locutor interrompe, deixa em suspensão um enunciado a que o MD *pronto* confere completude ao ativar uma inferência.

A escolha de *pronto* permite que a locutora ultrapasse uma potencial dificuldade de verbalização, apelando à atitude colaborativa do seu interlocutor. A substituição do MD por uma expressão parafrástica permite evidenciar esse valor⁶:

(3) Saudades também. E eu sou franca é que eu sou mais... *pronto!* Bem para já tenho a família à minha volta! (71M4A)
[E eu sou franca é que eu sou mais... *sabe como é/está a ver...*].

O exemplo (4) reforça e complementa a análise realizada em (3), na medida em que é explicitado este raciocínio inferencial, de recuperação das informações implícitas, feito pelo alocutário, que as verbaliza enquanto locutor seguinte:

(4) I: •• Eu não/ eu entendia lá. A gente corria, ((risos)) *pronto,* /
E: *Corria por onde ca[lhava]*... (88M4D).

Este exemplo põe em evidência a coconstrução do discurso pelos participantes. O locutor seguinte verbaliza o processo de interpretação que efetuou, completando o enunciado do locutor anterior. Este esforço colaborativo aproxima os interlocutores, e reforça o valor argumentativo do ponto de vista do locutor, agora comum a ambos.

O mesmo processo de negociação da colaboração interpretativa está presente no exemplo abaixo. O locutor, incapaz de dizer o título do filme de que está a falar, deprecia esta informação, desvaloriza a sua pertinência informativa e propõe ao seu alocutário, no uso de *pronto*, parafraseável por “não faz mal”, “não tem importância”, que concorde com a essa estratégia de desvalorização:

(5) E: Angelina Jolie.
I: Angelina Jolie. •• Mas, por acaso, não achei tanta/ aí já não achei tanta piada, porque acho que é um papel que não tem muito/ não teve tanto a ver com ele. O filme é •• é gravado em Veneza, não é? •• Ou assim. •• Agora não me lembro qual é o nome do filme, *mas pronto*
E: •• Mas viste? (7H1D).

6 Uma abordagem contrastiva, permitiria também, a partir de um processo de tradução, evidenciar esse valor: “Ils me manquent aussi. Et franchement c’est que je suis plus... *vous savez!* Eh bien pour l’instant j’ai la famille autour de moi !” ; “Yo también los extraño. Y soy franco, es que soy más ... *¡tú lo sabes!* Bueno, por ahora tengo a la familia a mi alrededor.”; “I miss them too. And I’m frank is that I’m more... *you know!* Well for now I have the family around me!”.

E, de facto, na intervenção reativa, o interlocutor coopera, reorientando a interação para outro tópico.

A procura ou o desejo de concordância marcado por *pronto* faz-se sobre conteúdos implícitos que o alocutário deve recuperar. São, por conseguinte, conhecimentos compartilhados. A convocação do conhecimento compartilhado é uma estratégia central da interação, que os MD ativam ou podem ativar. *Pronto* ativa vozes doxais, que atualizam estes conhecimentos partilhados e reforçam o ponto de vista do locutor:

(6) •• saca o travão de mão, o gajo foi/ o carro fugiu-lhe para a esquerda, apanhou as miúdas. Estavam sentadas, também não deveriam estar, mas *pronto*. •• Estavam sentadas ali do do/ no separador das duas faixas. Elas estavam ali sentadas do lado esquerdo (18H2C).

Em (6), o locutor põe em cena uma voz doxal que afirma a fatalidade da vida, que o alocutário reconhece (ou o locutor apresenta como tal). É parafraseável por “é a vida!”, “acontece!”.

b) Contexto de dissenso

Em contexto de dissenso, ou de possível dissenso, o acordo ocorre como cedência. Em (7), *pronto* mostra um acordo parcial, posto em evidência pela ocorrência do conector *mas*, relativo à opinião do locutor sobre a pena de morte. *Pronto* é parafraseável por “de acordo”, “tem razão”. É uma estratégia de preservação de relação interpessoal colaborativa e próxima.

(7) E: Mas já viu um um criminoso que que te/ que tomou o poder •• de matar alguém.

I: Sim, matou. *Pronto*, mas lá está. Mas mas eu para mim entendo que essas pessoas que já são doentes. Essas pessoas não são normais (18H2C)

Os contextos de consenso e dissenso são relevantes para a determinação do valor de concordância, que instaura uma relação de solidariedade entre os participantes, expressando procura de acordo, acordo, cedência, resignação.

O conceito de *ethos*, com origem na antiguidade clássica, como prova técnica, a par do *pathos* e do *logos*, é retomado na análise do discurso por Maingueneau, que elabora uma teoria do *ethos* como construção da imagem de si nos discursos (Maingueneau, 1999; Amossy, 1999 e 2010). A análise conversacional, direcionada para o estudo dos textos orais do quotidiano, com outros quadros e influências teóricas, encaminhou as suas análises para outras problemáticas que não a análise do *ethos*. Mas como refere Amossy (2010: 13) “la présentation de soi fait partie

intégrante des rites d'interaction qui caractérisent la vie quotidienne". É, pois, pertinente interligar a relação interpessoal construída na interação com o *ethos discursivo* (Maingueneau, 1999, 2018).

O *ethos* do locutor decorre da construção discursiva na sua globalidade, não de um marcador único ou meio discursivo único. Mas, ao ser uma estratégia de construção da relação interpessoal, *pronto* participa na construção do *ethos* discursivo do locutor. Há, nos usos de concordância de *pronto*, uma implicação enunciativa do locutor e do alocutário que influencia o seu *ethos*. Retomando Martín Zorraquino & Portolés (1999: 4147), acima citados, a concordância é a função “de desencadenar procedimientos de cooperación entre los interlocutores, señalando el acuerdo entre estos en relación con el mensaje que se intercambian”. É, por isso, possível concluir que os valores de concordância de *pronto* que apresentámos contribuem para a construção global do *ethos*, sendo a marca de um *ethos mostrado* conciliador.

3. Conclusão

Vamos restringir as conclusões a alguns dos pontos centrais da análise realizada.

Ao analisar o marcador discursivo *pronto*, partimos do pressuposto de que os valores apresentados não são estanques nem exclusivos de uma dada posição. A complexidade do objeto impõe tomar a multifuncionalidade como coocorrência de funções num mesmo contexto.

Focando o valor de concordância de *pronto*, este valor sobressai como acordo com o dizer e o dito do alocutário, exprimindo acordo, perfeito ou cedência (resignação /concessão), e procura de acordo com o dizer e o dito do locutor. *Pronto* aprofunda, reforça, uma relação de convergência e minimiza o confronto, em situação de divergência; e, assim, a solidariedade entre os interlocutores é mostrada.

Uma outra questão que se colocou, relacionada com a anterior, foi, pois, a de analisar o contributo que *pronto*, enquanto MD, pode dar para a construção do *ethos* ou *imagem de si* do locutor. A análise evidencia que o uso do MD *pronto* é uma estratégia discursiva que visa assegurar uma relação interpessoal de solidariedade, de concordância. Assim, o valor de concordância deste marcador contribui para a construção do *ethos* do locutor, um *ethos* conciliador. É de salientar que esta partícula *pronto* não se restringe a um nível microdiscursivo, antes influencia, ao nível macro, a construção do *ethos* do locutor.

Todo o fazer discursivo participa na construção *ethos* global do locutor. Os usos de *pronto*, nomeadamente como pontuante, na terminologia de Christiano & Hora, deverão também ser analisados sob esta perspetiva.

A convocação de um conhecimento compartilhado, trazendo para o discurso uma voz doxal, é uma outra vertente a merecer um estudo mais aprofundado.

Referências bibliográficas

- Amossy, Ruth (2010). *La présentation de soi*. Paris: PUF.
- Auchlin, Antoine (1981). “*Mais heu, pis bon, ben alors voilà, quoi!* Marqueurs de structuration de la conversation et completude”, *Cahiers de Linguistique Française*, 2, 141-159. Disponível em https://clf.unige.ch/files/3614/4111/1926/09-Auschlin_nclf2.pdf (consultado em 10.02.2021).
- Bolden, Galina (2006). “Little words that matter: Discourse Markers ‘So’ and ‘Oh’ and the Doing of Other-Attentiveness in Social Interaction”, *Journal of Communication*, 56/4, 661-688. Disponível em DOI: 10.1111/j.1460-2466.2006.00314.x (consultado em 10.09.2020).
- Briz Gómez, Antonio (1998). *El español coloquial en la conversación. Esbozo de pragmática*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Brown, Roger, & Gilman, Albert (1960). “The pronouns of power and solidarity”. Em Sebeok, Thomas A. (ed.), *Style in Language*, 253-276. Cambridge Mass: MIT press. Disponível em https://www.ehu.es/seg/_media/gizt/5/5/brown-gilman-pronouns.pdf 5066 (consultado em 05.12.2020).
- Christiano, Maria Elizabeth Affonso, & Hora, Demerval da (1998). “O item lexical *pronto*: marcador discursivo e interativo”, *Graphos*, 1/3, 197-205. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/9411/5066> (consultado em 02.09.2020).
- Domínguez Portela, Soraya (2011). “O marcador discursivo *vale*: usos ou abusos”, *Estudos de Lingüística Galega*, 3, 211-226. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305626393014> (consultado em 07.11.2020).
- Domínguez Portela, Soraya (2009). “*Olla e mira*, dous marcadores discursivos en tres linguas: portugués, galego e español”, *Cadernos de Lingua*, 31, 27-74. Disponível em <http://publicacionsperiodicas.academia.gal/index.php/Cadernos/article/view/34/40> (consultado em 07.11.2020).
- Dostie, Gaétane, & Pusch, Claus. D. (eds.) (2007). “Présentation. Les marqueurs discursifs. Sens et variation”, *Langue française*, 154, 3-12. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-langue-francaise-2007-2-page-3.htm> (consultado em 07.11.2020).
- Duarte, Isabel Margarida & Ponce de León, Rogelio (eds.) (2020). *Marcadores Discursivos. O português como referência contrastiva*. Bern: Peter Lang.
- Ducrot, Oswald, & Bruxelles, Sylvie, & Bourcier, Danièle (1980). *Les mots du discours*. Paris: Minuit.

- Fraser, Bruce. (2009). “An Account of Discourse Markers”, *International Review of Pragmatics*, 1, 1-28. Disponível em <https://doi.org/10.1163/187730909X12538045489818> (consultado em 27.11.2020).
- Fraser, Bruce (1999). “What are discourse markers?”, *Journal of pragmatics*, 31, 931-952. Disponível em [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(98\)00101-5](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(98)00101-5) (consultado em 20.11.2020).
- Freixeiro Mato, Xosé Ramón (2016). “Tipos de marcadores discursivos no galego oral e escrito”, *Revista Galega de Filoloxía*, 17, 77-118. Disponível em <https://doi.org/10.17979/rgf.2016.17.0.1872> (consultado em 20.10.2021).
- Freixeiro Mato, Xosé Ramón (2010). “O castelanismo *bueno* en galego”, Anexo 13 da *Revista de Lexicografía*, 143-159. A Coruña: Universidade da Coruña. Disponível em https://www.academia.edu/12601027/O_castelanismo_bueno_en_galego (consultado em 20.11.2020).
- Freixeiro Mato, Xosé Ramón (2008). “Perspectiva diacrónica e uso actual de alguns conectores de preferência e de contraste em galego(-português)”, *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies*, 2, 77-98. Disponível em <https://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/2e-xose-mato.pdf> (consultado em 20.11.2020).
- Freixeiro Mato, Xosé Ramón (2005). *Os marcadores discursivos. Conectores contraargumentativos no galego escrito*. Monografia 3 da *Revista Galega de Filoloxía*. A Coruña: Departamento de Galego-Português, Francês e Lingüística da Universidade da Coruña.
- Freixeiro Mato, Xosé Ramón (2003). *Gramática da Lingua Galega*. Vol. IV. *Gramática do texto*. Vigo: A Nosa Terra.
- Hyland, Ken (2017). “Metadiscourse: what is it and where is it going?”, *Journal of Pragmatics*, 113, 16-29. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2017.03.007> (consultado em 13.10.2020).
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (2005). *Discours en interaction*. Paris: A. Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1996). *La conversation*. Paris: Seuil
- Lopes, Ana Cristina Macário, & Pons Bordería, Salvador (2020). “*Então ~ #Entonces* en posición inicial de discurso: una diferencia distribucional entre Español y Portugués”. Em Nogueira, Antonio Messias, & Fuentes Rodríguez, Catalina, & Martí Sánchez, Manuel (coords.), *Aportaciones desde el español y el portugués a los marcadores discursivos. Treinta años después de Martín Zorraquino y Portolés*, 425-442. Sevilla: Universidad de Sevilla.
- Maingueneau, Dominique (2018). “Retorno crítico à noção de *ethos*”, *Letras de Hoje*, 53/3, 321-330. Disponível em <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2018.3.32914> (consultado em 03.03.2021).
- Maingueneau, Dominique (1999). “Ethos, scénographie, incorporation”. Em Amossy, Ruth (dir.), *Images de soi dans le discours. La construction de l'ethos*, 75-100. Lausanne: Delachaux et Niestlé.

- Marques, Maria Aldina (2014). “Linguagem coloquial e modalização”, *Redis*, 3, 95-106. Disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12964.pdf>
- Martin Zorraquino, María Antonia, & Montolio Durán, Estrella (coords.) (1988). *Los marcadores del discurso. Teoría y análisis*. Madrid: Arco libros.
- Martín Zorraquino, María Antonia, & Portolés Lázaro, José (1999). “Los marcadores del discurso”. Em Bosque Muñoz, Ignacio, & Demonte Barreto, Violeta (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. III. *Entre la oración y el discurso. Morfología*, 4051-4213. Madrid: Espasa-Calpe.
- Morais, Armindo José Baptista de (2010). *Narrativas Conversacionais. A Introdução de Enunciados Narrativos em Situação de Interação Oral*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Aberta. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3280>
- Moreda Leirado, Marisa (2009). “Marcadores conversacionais no galego actual”, *Anuario del Centro de Estudios Gallegos*. 2009, 187-207. Montevideo: Universidad de la República (CEGAL).
- Nogueira, Antonio Messias, & Fuentes Rodríguez, Catalina, & Martí Sánchez, Manuel (coords) (2020). *Aportaciones desde el español y el portugués a los marcadores discursivos. Treinta años después de Martín Zorraquino y Portolés*. Sevilla: Universidad de Sevilla.
- Oliveira, Maria de Fátima, & Brito, Ana Maria (orgs.) (2005). Óscar Lopes, *Entre a palavra e o discurso. Estudos de Linguística. 1977-1993*. Porto: Campo das Letras.
- Pons Bordería, Salvador (2001). “Connectives / Discourse Markers: An Overview”. Em Ferrer Mora, Hang, & Pons Bordería, Salvador (eds.), *La pragmática de los conectores y las partículas modales*, 219-243. València: Universitat de València.
- Portolés Lázaro, José (1998). *Marcadores del discurso*. Barcelona: Ariel.
- Rodríguez Somolinos, Amalia (2011). “Présentation: Les marqueurs du discours – approches contrastives”, *Langages*, 184, 3-12. Disponível em [cairn.info/revue-langages-2011-4-page-3.htm](http:// Cairn.info/revue-langages-2011-4-page-3.htm) (consultado em 03.02.2021).
- Sánchez Rei, Xosé Manuel (2016). “Aproximação geral aos marcadores discursivos de controlo de contato”. Em Sánchez Rei, Xosé Manuel, & Marques, Maria Aldina (orgs.), *As ciências da linguagem no espaço galego-português. Diversidade e convergência*, 99-128. Braga: ILCH da Universidade do Minho / Húmus.
- Schiffin, Deborah (2001). “Discourse markers: Language, meaning and context”. Em Schiffin, Deborah, & Tannen, Deborah, & Hamilton, Heidi E. (eds.), *Handbook of Discourse Analysis*, 54-75. London: London Blackwell. Disponível em http://www.blackwellpublishing.com/content/BPL/Images/Content_store/WWW_Content/9780631205951/003.pdf (consultado em 05.02.2021).
- Schiffin, Deborah (1987). *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Schmidt-Radefeldt, Jürgen (1993). “Partículas discursivas e interaccionais no português e no espanhol em contraste com o alemão”. Em Schmidt-Radefeldt, Jürgen (ed.), *Semiótica e linguística portuguesa e românica: Homenagem a J. G. Herculano de Carvalho*, 63-78. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- Silva, Augusto Soares da (2006). “The polysemy of discourse markers: The case of *pronto* in Portuguese”, *Journal of Pragmatics*, 38, 2188-2205. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2006.03.009> (consultado em 05.11.2020).
- Silva, Augusto Soares da. (2002). “Da Semântica Cognitiva à Pragmática Lexical: a polissemia de *pronto*”, em Duarte, Isabel Margarida, & Barbosa, Joaquim, & Matos, Sérgio, & Hüsgen, Thomas (orgs.), *Actas do Encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Vol. I, 83-97. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Vion, Robert (2012). “La modalisation: un mode paradoxal de prise en charge”, *Filologia Linguística Portuguesa*, 14/2, 203-224. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v14i2p203-224> (consultado em 12.01.2021).